

Louis Wiznitzer  
**Huxley e Remarque**  
*Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, BRA)  
09.03.1958, Suplemento Literário, S. 2 und 4

Original:  
Signatur: R-A 2.1.019/015

---

Entrevistando

## Huxley e Remarque

»Eu vou ao Brasil para aprender e não para ensinar«, diz Aldous Huxley – Declara-se Erich Maria Remarque um cidadão do mundo.

[... zu Aldous Huxley]

Encontrei Remarque tal como eu esperava; um romântico, o último romântico. Das janelas do seu apartamento da rua 57 vêem-se as luzes da Manhattan fantasmagórica, banho de leite metafísico, geometria lírica. Éle, sentado escrevendo, no meio dos livros e de discos, feito um menino fazendo as lições; tomando café para não cair de sono. Simplicidade total dêle, do quarto. Olhos azuis que não mentem, uma fisionomia distinta; este homem sofreu, entendeu. Nas paredes, desenhos de Degas, ligeiros, discretos; sobre o chaminé, pequenos bronzes chineses; lindos, sem pretensão. São sete da noite. Remarque está de pijama; trabalhou o dia inteiro, chegou à página 65 do novo romance de que não quer me falar. Por superstição.

O autor de »Nada de novo no oeste«, »3 camaradas«, »Arco de triunfo« e tantos outros romances me confessou: »Hoje em dia querem que o escritor publique uma obra prima cada vez que escreve; a concepção de literatura chegou a ser como no esporte, a do record«.

Na imensa obra de Goethe encontramos obras primas e muitos livros de menor importância: antigamente e sobretudo no Renascimento o escritor era um artesão fazia seu trabalho às vezes muito bom, às vezes menos bom, não importava. Bach estava sempre compondo; os artistas aceitavam encomendas. Os pintores de hoje, os poetas são todos gênios, não aceitam conselhos, missões ou pedidos...«

Chegamos à missão do escritor. »Depende do escritor. Não há regras. Eu nunca pude esquecer os problemas do meu tempo; não acho que o escritor deve se manter diretamente em política; mas ele deve exprimir seu humanismo, sua concepção do mundo, e colocar-se frente aos problemas mais graves do seu tempo. Nem que eu escrevesse sobre uma história de amor numa ilha do Pacífico, eu poderia deixar de me referir a possível desembarque de tropas americanas, ou japonesas. Meu primeiro livro foi um grito de pacifismo; não mudei a minha fé, a minha posição; apenas acho que as chances da paz diminuem; do jeito que o mundo vai, teremos outra guerra; que tragédia...«

– Você deixou a Alemanha em 1931? não pretende voltar mais para lá?

– Passei 27 anos fora do meu país. A maior parte da minha vida. Deixei meu país por causa do nazismo. Fiquei oito anos na Suíça. Depois, fui para os Estados Unidos. Hoje sou

cidadão americano. Voltei várias vezes à Alemanha. Mas não sinto mais contacto. Os alemães não mudaram. Nazistas ocupam lugares e posições-chave na administração, na diplomacia.

O povo não quis reconhecer a culpa, repeliu, fechou os olhos ao passado e agora novamente com Adenauer e os barões de Ruhr voltam aos antigos slogans. Eles detestam os exilados e acham que sofreram enquanto nós estávamos no estrangeiro. Não adianta. Não quero mal a meu país. Apenas, os nazistas fizeram de mim um cidadão do mundo e agora cidadão do mundo eu fico. Deixar e perder meu país foi uma tragédia para mim. Levei anos a me acostumar. Agora estou habituado.

No ano passado escrevi uma peça de teatro: »A última estação«, que foi levada em Berlim com colossal sucesso. Mas os 200 teatros da Alemanha ocidental, subvencionados pelo governo, não quiseram levar a peça: era anti-nazista demais. O povo não quer pensar, nem ser lembrado dessas coisas. Meus patrícios, quando falo com eles, citam o barbarismo dos aliados que bombardearam Hamburgo, Berlim; porém, quando falo de Amsterdam, da Noruega, eles dizem: »necessidades estratégicas«. O diálogo não é possível. Aliás, eu acho que se a guerra começar, algum dia, ela começará porque os alemães quererão reconquistar a Alemanha do Leste, ou a Pomerania, ou alguma província atualmente dinamarquesa, tchecoslovaca ou francesa. Não confio em Adenauer. Ele trouxe prosperidade à Alemanha, mas sobretudo aos donos das grandes indústrias. Mas deixemos de política. Eu não sou de lado nenhum. Eu não acho que o capitalismo »eja uma necessidade para a humanidade nem creio no sistema comunista. Prefiro morar no ocidente, porque, como diz meu amigo Koestler, entre dois males, prefiro o menor; mas a escolha não é entre o bem e o mal, de forma alguma.

Remarque trabalha diàrismamente, e leva até dois ou três anos para terminar um livro. Às vezes ele acha a primeira versão boa, às vezes ele corrige e escreve até uma dúzia de versões. Gosta de tocar piano, coleciona quadros impressionistas. Possui uma casa na Suíça, à beira do Lago Maggiore onde passa os verões. Vai à Itália, Vencza, Florença todos os anos. É, é verdade, vai casar proximamente com a linda atriz Paulette Goddard, ex-espósa de Charlie Chaplin. Atualmente, terminam um filme adaptado de seu último romance »A time to live and a time to die«; ele tomou parte na realização do filme, com atores desconhecidos e num estilo neo-realista; ele mesmo aceitou um pequeno papel de ator no filme. E publicou um romance sobre a sua mocidade: »Obelisco preto«.

Falamos de outros escritores. Ele gosta de Tolstoi, de Romain Rolland, de Ghandi, de Gide. Não gosta de Thomas Mann, que ele acha oportunista, e confucionista e alambicado. Tem muito respeito a Herman Hesse que vive na Suíça e deixou a Alemanha no começo do nazismo. Não é admirador de Junger, de Rilke e de Stefan Georg, combinação de esoterismo, de pseudo-aristocracia, de nazismo disfaçado e sofisticado de homossexualidade. »Todos os nazistas sofisticados eram admiradores de Rilke e de Stefan Georg«. Gosta de Gerard Pauptmann como escritor. Gosta de Hemingway, de Malraux. E pretende escrever mais para o teatro: »Escrever uma peça é como dirigir um automóvel conversível, escrever um romance é como dirigir um caminhão, não acaba mais«. Goethe é seu grande inspirador. Nas horas de crise, Remarque volta-se para Goethe, encontra na obra de Goethe a sabedoria é a emoção que o sustentam. Ele gosta de Nova York. »Um escritor precisa de morar numa grande cidade; Berlim, antes dos nazistas, era uma grande cidade, chela de cultura, de vida; o teatro, a música, as letras vibravam; os nazistas liquidaram os judeus que eram um fermento cultural; Berlim hoje em dia é uma província. Nova York é um grande centro cultural. De vez em quando, é verdade, procuro refugiar-me à beira de um lago, no campo; mas estou bem em Nova York; não me queixo. Um dia, visitarei o Brasil. Sempre pensei em fazer essa viagem.«